

O CENTENÁRIO de Simões Dias

Como a cidade de Elvas home-
nageou o notável professor

Como prenunciámos, a cidade de Elvas também comemorou a passagem do primeiro centenário do nascimento do egrégio português e nosso distinto conterrâneo, Simões Dias. Sobre a conferência proferida na Biblioteca Municipal daquela cidade, faz o nosso colega «Correio Elvense» a seguinte reportagem:

Conforme noticiámos, Domingos Lavadinho realizou no passado dia 28, na Biblioteca Municipal, uma interessante conferência sobre o dedicado poeta José Simões Dias, que em Elvas viveu durante algum tempo e que aqui colheu inspiração para grande parte da sua obra.

Pelo interesse de que a conferência se revestiu e porque se trata duma figura literária profundamente ligada a Elvas, damos a seguir o resumo do trabalho do antigo director deste sematório:

O conferente principiou por dizer que no dia 5 de fevereiro do corrente ano perfizeram-se cem anos que José Simões Dias nasceu na aldeia da Benfeita, do concelho de Arganil.

Não iria, a propósito, tentar uma extensa biografia, mas diria que dela tratou o escritor elvense padre Henrique José de Andrade, no seu opusculo, publicado em Elvas em 1879, *Notícia da vida e escritos de José Simões Dias*.

Fez uma acentuada referência à infância e mocidade do poeta, como escolar em Coimbra, desprovido de recursos, que foram só os que angariava à custa do seu trabalho, como explicador do ensino secundário, até alcançar em 1887 o grau de bacharel na Faculdade de Teologia.

Na cidade do Mondego juntaram-se, como companheiros inseparáveis, Emídio Navarro, Teófilo Braga, João Penha e Simões Dias.

Depois, cada um seguiu seu destino e Simões Dias veio para Elvas, onde a bem dizer iniciou o êxito da sua vida literária, pois aqui foram impressas, em primeira edição, as melhores obras poéticas: *A Hostia de Ouro*, *As Peninsulares e Rimas*.

A vida de Simões Dias na nossa cidade, não lhe foi propícia, apesar da estima que lhe dedicaram as pessoas de categoria. Ocupando a cadeira de professor de certas matérias do curso liceal, aqui criou em 1888, por iniciativa do governo de então, dentro em breve teve de encerrar a sua aula, por falta de concorrência de alunos e em consequência do que teve de sair de Elvas, em procura de futuro assegurado.

Depois, o autor da conferência alarga-se em várias explanações sobre a lamentável ausência do ensino liceal e técnico na nossa cidade, que considera um erro e uma grande injustiça, e porque se trata duma questão de maior importância para a localidade, resolvemos publicar na íntegra, no próximo número do nosso jornal, esta sugestiva parte da conferência, o que não fazemos neste, por falta de espaço.

Em Elvas faleceu em 1889 (e por cá ficaram para sempre os seus restos, no cemitério da nossa terra), a esposa de José Simões Dias, D. Guilhermina da Conceição Simões.

O poeta, já figura marcante na sociedade do seu tempo, enveredou mais tarde pela política e foi deputado em várias legislaturas, sendo numa delas eleito pelo círculo de Elvas.

Em seguida, no campo crítico e literário, aprecia-se, em todos os seus aspectos, o valor

da obra poética de Simões Dias. Algumas frases:

«A maioria das pessoas, que se entrega ao desprazer de escutar-me, através a aridez desta prosa descolorida, desconhece, por certo, onde Simões Dias principiou o êxito da sua vida literária. Pois foi em Elvas. Aqui, por iniciativa e carinho do elvense padre Henrique José de Andrade, se imprimiram as primeiras obras notáveis do ilustre prócer.

«Há três semanas rendeu-se em Lisboa a merecida homenagem a Simões Dias. Vagammente — segundo as emissões radiofónicas — ouvimos então uma palavra que sóa sempre bem aos nossos ouvidos: Elvas!

«E, contudo, as primeiras obras poéticas — de valor — de Simões Dias, foram editadas na nossa cidade, por iniciativa de dois personagens ao tempo em evidência: um, o padre Henrique de Andrade, que já citámos, e o outro, o tipógrafo Manuel de Araújo e Silva, falecido em 1885.

No decurso desta parte da conferência, o distinto amador de teatro sr. Elvino Jantarrão recitou algumas poesias de Simões Dias.

Após uma referência às tristes circunstâncias da existência do poeta, que faleceu pobre em 1889, apenas com 55 anos de idade, o conferente termina com as seguintes palavras:

«Segundo Vitor Hugo, a morte não dorme. A morte vive. A morte é uma realização esplêndida. A morte toca de dois modos no homem. Primeiro, gela-o; depois, ressuscita-o.

O sopro dela apaga — é verdade — mas torna a acender. Todos nós vemos os olhos que ela fecha, mas ninguém vê aqueles que ela abre.

«Talvez por invisível curiosidade do Além, José Simões Dias se encontre aqui, entre nós, a perscrutar, a investigar o que dele pensa a geração dos nossos dias...»

Ao abrir a sessão, que foi muito concorrida, o sr. capitão Joaquim dos Santos Farrajota, presidente da Câmara Municipal, convidou para presidir à mesma o sr. coronel Coutinho de Castro, ilustre governador militar de Elvas.

O sr. Eurico Gama, em nome do Grupo dos Amigos de Elvas, pronunciou algumas palavras a propósito do acto que ia realizar-se.

A conferência, premiada no final com uma prolongada salva de palmas, foi primorosamente lida pelo sr. padre João António Nabais, visto o autor se encontrar adoentado.

O mesmo jornal reproduz, na sua edição de 5 do corrente, a linda poesia «Aldeia», da autoria de Simões Dias.

NO SEMINÁRIO de Coimbra

também foi comemorado o
centenário de Simões Dias

No seminário diocesano de Coimbra, foi comemorado o centenário do nascimento de Simões Dias, com uma sessão solene, promovida pelos sócios do «Centro de Estudos do Seminário».

O presidente deste organismo e nosso estimado amigo e conterrâneo, rev. Eurico Dias Nogueira, proferiu uma conferência focando a alta personalidade do homenageado.

Foi uma festa merecedora, tocante e justa, porque Simões Dias foi também aluno daquele estabelecimento de ensino.